



CHATEIEM TODA A GENTE!

A possibilidade de viajar à velocidade da luz veio destruir o conceito de distância e separação. O sr. Alexander Graham Bell, ao inventar o telefone, nunca terá imaginado que o mundo um dia seria um só lugar, o ciberespaço, o rossió da Aldia Global, a praça onde milhões se sentam, calma ou freneticamente, «à conversa».

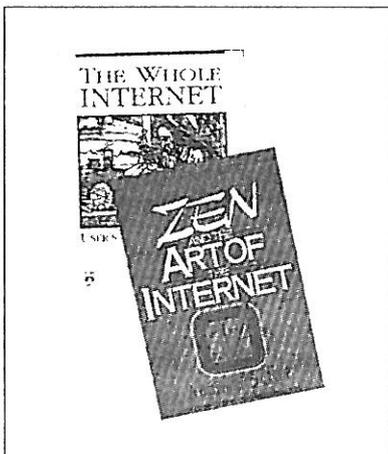
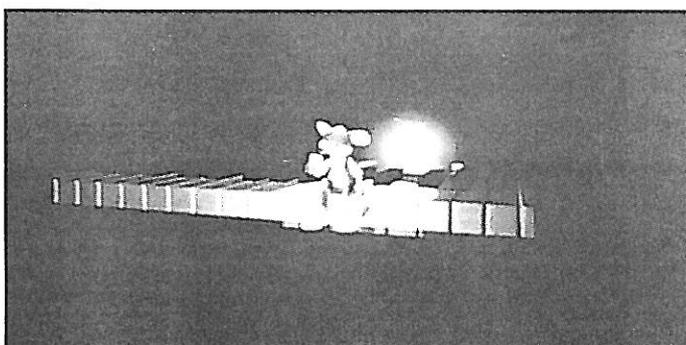
Eram, há uma semana atrás, cerca de 25 mil redes - o crescimento actual é de 12 por cento ao mês, pelo que esse número está em constante mudança - cada uma delas um intrincado nó na complexa teia da Internet, o maior sistema de comunicações do mundo, ligando entre si mais de uma centena de países e muita, muita, muita gente.

Ninguém sabe ao certo quantos, como e quem está na Internet. Em 1993, os números oficiais (isto é, os fornecidos pela Internet Society) indicavam a existência de aproximadamente dois milhões e meio de conexões, através dos quais dez, vinte, provavelmente mais, milhões de cibernautas, «autorizados» ou não, espalhados por todo o mundo onde exista uma linha telefónica, navegam diariamente no ciberespaço.

E o que fazem quando lá estão? Trocam correspondência (E-Mail, curto para correio electrónico); vendem qualquer coisa; compram qualquer coisa; copiam programas «shareware» (de utilização pública, sem custos), consultam o catálogo da biblioteca ou os trabalhos de curso de uma Universidade em qualquer ponto do globo, falam em directo (teclando palavras, claro) a um continente de distância; procuram dicas para ultrapassar um nível ou terminar um videojogo, jogam xadrez contra um adversário no Sri Lanka que nunca conhecerá pessoalmente; acedem às mais recentes notícias do mundo, participam em discussões, na gíria denominadas «conferências», sobre temas tão inúteis e vitais como o fórum dos budistas homossexuais, opinam do significado dos não judeus serem circuncidados, ou se o ajudante de Batman, Robin, deve ser ou não uma mulher. Imaginem os pregões do BLITZ elevados a uma escala planetária, crescendo a cada segundo que passa, ininterruptamente.

O Bando dos Quatro

Em 1969, quatro Universidades dos Estados Unidos - Stanford, Utah, Los Angeles e Santa Barbara - «ligaram» os seus computadores de modo a trocar informações entre si. No início a rede cresceu sobre o tecido educativo e militar americano, ligando os departamentos de investigação e laboratórios, tanto civis como belicosos. Mas cedo os utilizadores pessoais, utilizando as conexões existentes nas universidades, fizeram a sua entrada no ciberespaço. Últimos a chegar foram as empresas. Mas nem por isso se atrasaram. São cerca de onze mil as companhias hoje ligadas à Net e, sem surpresa, as negociações são, actualmente, responsáveis por 53 por cento do tráfico informático total, um pouco mais de metade de toda a actividade na rede, que inclui ainda Pesquisa (incluindo a pesquisa comercial), 27 por cento, Governo, nove por cento, Educação, cinco por cento, e Defesa, seis por cento.



A evolução, ou explosão, da Internet, é só por si um fenómeno surpreendente e paradigmático. Desde os quatro «nós» em 1969, em 1985 existiam já 100 redes, em 1989 eram 500, em 1991 mais de 25 mil. Hoje, em cada 20 minutos que passam uma nova rede é ligada.

À velocidade da Luz

Não se julgue, pois, que o êxito da comunicação informática advém de qualquer moda ou espírito binário. As suas vantagens são bens reais. Enviar um fax de dez páginas demora, em média, cerca de cinco minutos descontando o tempo de ligação do número de destino, em tudo semelhante numa ligação de rede. O envio do mesmo texto, em forma de arquivo de um computador para outro, faz-se em menos de 30 segundos. Na demonstração ocorrida no LNEC, durante o colóquio «Portugal na Internet», os Estados Unidos foram percorrendo de costa a costa em 735 microssegundos. Com a inclusão de áudio e imagem (já possível mas não habitual), a gestão e troca de dados tornam-se tão vulgar quanto o pão com manteiga e os factos do futuro para pouco mais servirão que o turismo (espera-se que a indústria hoteleira consiga resistir à Realidade Virtual). É todo o conceito de mobilidade que se transforma. O telegrafo e o telefone permitiram conquistar as grandes distâncias. A comunicação informática fez cair o conceito de distância. Tudo o que

estão, ao mesmo tempo, num só lugar, o ciberespaço - a «praça», o rossió, a praça da Aldia Global. É melhor que viajar à velocidade da luz, e mais rápido ainda (pedro-mé Einstein).

A teia portuguesa

Portugal (ou melhor será dizer os portugueses?) está na Internet. A sua exportação de bytes cifra-se mesmo acima de países como a vizinha Espanha, a Dinamarca ou a Austria. O interesse dos outros em contactar Portugal é que parece ser um pouco menor. Mas nada que se pareça com as medalhas olímpicas: não somos ultrapassados pelo Berquina Fasso. Para o efeito, nem sequer pela Índia, pela Tailândia ou pela Grécia.

Contudo, na pátria dos navegadores, a vida não é fácil para os cibernautas. Só para dar um exemplo, 90 por cento dos modems existentes em Portugal são ilegais. Para dar outro exemplo, Mário Valente, bolseiro do LNEC, descobriu que uma antena de VSAT de 150 contos lhe permitia estabelecer comunicações que em «linha dedicada» (uma linha pela qual se paga aluguer e não a utilização, ou seja, como um telefone que não cobra impulsos, mas uma taxa fixa mensal) lhe custaria 960 contos/mês. No ICP-Instituto de Comunicações de Portugal informaram-no que não o poderia fazer, a tecnologia dependia da Marconi. Na Marconi disseram-lhe que sim, desde lá a antena e poderia já a funcionar. Em que que ficamos? E ainda outro exemplo, Heitor Pinho, do FCCN - Fundação para o Desenvolvimento dos Meios Nacionais de Cálculo Científico, que quer uma rede de comunicações em Portugal - a RCCN - pediu aos TLP que lhe desligassem um troço de «linha dedicada» Lisboa-Cóimbra. Os solícitos tele-engenheiros desligaram, em vez desse troço, um outro, a ligação Lisboa-Porto. Resultado, além de 21 dias sem comunicações, a FCCN teve que pagar 400 contos para poder reclamar por um erro de que só os TLP foram responsáveis. Se apenas existisse uma única mercadoria é natural que uséssemos de comprar três vezes poder em cada meia dúzia e ainda agradecer a inutilidade ao comerciante. O muro de Berlim, afinal, tem dois lados.

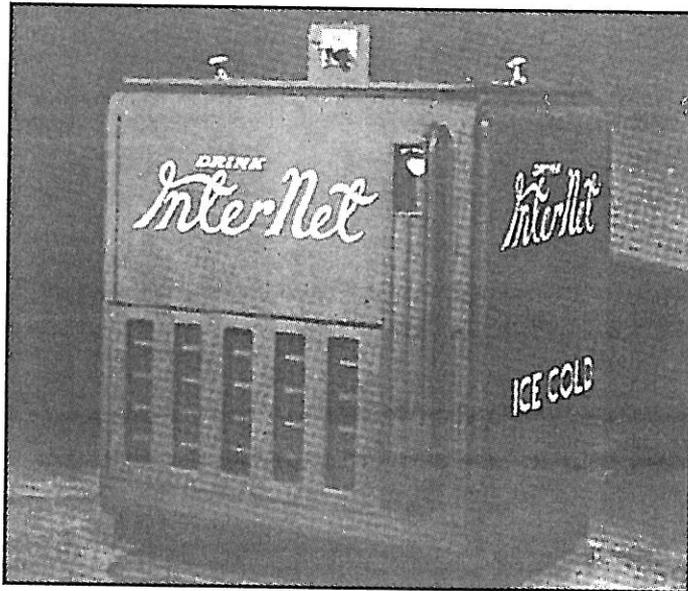
O preço dos monopólios

A Europa sempre demonstrou uma abertura pelos monopólios dos bens essenciais: água, electricidade, transportes, da comunicação radio e televisão (sobretudo) e das telecomunicações. A partir dos anos 80, quando a liberalização se tornou irreversível, a atitude dos governos passa por reforçar o seu monopólio nos sectores mais aptos a privatizar, de modo a elevar o preço das actividades maioritariamente comerciais 51 por cento, na maior parte das vezes continua a ser controlada pela

Estado. O agigantamento dos monopólios verticais carrega consigo uma consequente inércia quanto às necessidades mutantes da sociedade e um vazio de estratégias, cegas às leis do mercado e subservientes a indefinição política e legal dos governos nacionais (que agora, com a UE, se tornaram transnacionais, federalistas ou europeus, conforme se preferir).

Resumindo. Se os monopólios são o primeiro óbice à baixa de preços, somos nós quem paga as telecomunicações mais caras? Pagamos, sim. Se os monopólios fazem depender de si a regulamentação das novas tecnologias, e padecem de crónica inércia, ficam-nos vedados os novos meios de comunicação? Ficam, sim.

A vida não é fácil para os cibernautas. Outro lado da questão é o das mentalidades. Nos Estados Unidos o telefone é considerado um bem essencial, tal como a água canalizada ou a electricidade. Nos casos de pobreza, a instalação e utilização de telefone pode ser subsidiada. Não está aqui em causa a justiça social da América, patria dos «homeless», tão só o conceito de que a comunicação é algo tão básico como o almoço ou a escola. A nossa Assembleia da República recebe o Congresso Americano todos os documentos relativos aos seus trabalhos em CD. Que os deputados portugueses não podem consultar pois o presidente da Assembleia não aprovou a compra de um aparelho de CD-ROM! Poderemos confiar em tão garbosos representantes para que nos forneçam políticas de comunicação? Vai ser giro, e não tem graça nenhuma.



Portugal na Internet

Por estas e muitas outras, um grupo de instituições, entre as quais a FCCN e o PUUG (Grupo Português de Utilizadores de Sistemas Unix), organizaram na passada terça-feira, nas instalações do INEC, em Lisboa, o colóquio «Portugal na Internet».

As autoestradas da informação foram historiadas por Howard L. Funk, director executivo da Internet Society, as redes transeuropeias de banda larga foram tema para Augusto Albuquerque, responsável da DGXIII-B2 da União Europeia, e Sheri Steele, advogada da Electronic Frontier Foundation, partilhou algumas das suas preocupações quanto aos direitos dos cidadãos - e deu ao BLITZ uma entrevista que publicamos no próximo número.

Cerca de 400 pessoas puderam assistir à demonstração de uma viagem na Internet através dos Estados Unidos, Austrália, Alemanha, ou bem mais perto, até à Uninova na Costa da Caparica. O debate final fica para a história como o de um colóquio sem conclusões. Da mesa, em vez de discursos e esclarecimentos vieram dúvidas e inquietações. Consensual mesmo, só a ideia de que chegou a hora do evangelho e o que faz falta e avisar a malta, espalhar a palavra. Na expressão feliz de Nuno Guimarães, do INESC: «chateiem toda a gente!»

Vicky Cyb.

como entrar na internet

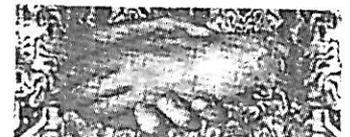


O acesso à Internet é um serviço prestado pela Telepac, que possui três conexões internacionais, duas com saída de Lisboa (em X.25 e IP, abreviatura de Internet Protocol, a norma hoje utilizada), e outra de Braga (em IP, também). Mas não se meta com eles porque acabará, seguramente, com as calças na mão, isto é, com a conta bancária abaixo de zero. O melhor é utilizar o serviço que a FCCN montou para as Universidades e Laboratório portugueses: a rede RCCN, e que agora põe à disposição da «sociedade civil», indivíduos e empresas.

Utilizada livremente (isto é, sem pagamento de subscrição e tráfego) por um pequeno número de eletos, passa a partir de agora a ser regulamentado o seu acesso, o que permite abrir as comunicações a todos os interessados. Com várias modalidades cujos preços variam de 3500 escudos (taxa de adesão e assinatura mensal) a 12 mil escudos de taxa de adesão e seis mil de assinatura mensal, dependendo dos serviços, horas de utilização grátis e tarifação por bytes; nada como expôr o seu caso particular para que lhe seja indicada a «conta» que melhor o sirva. O

contacto é feito através do PUUG, cujos dados e forma de contacto se encontram no final deste texto.

Claro que antes do mais necessita de um modem. Os preços começam nos dez mil escudos e têm por aí acima. Por trinta contos já se compra um aparelho aceitável. Opte por um 14.400 bps (baud/s por segundo, a velocidade de transmissão de dados), porque apesar de ser ainda demasiado rápido para a maior parte das linhas disponíveis, o mundo electrónico está em mutação acelerada. Confirme que o seu modem vem acompanhado com um «software» de comunicações. Depois, pode procurar na Internet



um programa «share.care» mais eficaz e copio-lo para o seu PC. Simples, não é? Portanto, vá-se preparando para um dia destes: lei o BLITZ em versão electrónica.

PUUG - Grupo Português de Utilizadores do Sistema UNIX

Quinta da Torre - Edifício UNINOVA

2825 Monte da Caparica

tel: (1) 294 28 44

fax: (1) 295 77 86

E-mail: info@puug.pt ou info@PortugalEU.net

PRE S I D E N T E N A R E D E

Calma povo, mas ainda não foi desta que o Presidente da República se ligou à Rede. O endereço electrónico presidente@belém.pt, que surgiu na Rede no dia 1 de Abril, é mesmo isso: uma partida de 1º de Abril. Uma das vítimas, embora céptica, foi o ciberdeputado José Magalhães, que encontrou no seu E-mail uma carta escrita em tom muito oficial onde se anunciava o acesso à Presidência por correio electrónico. Desconfiado, Magalhães teclou... e percebeu a pata.



BAD BONES TATTOOS

- TATUAGENS PERSONALIZADAS
- AGULHAS INDIVIDUAIS
- ROUPA IMPORTADA DE LONDRES (CABEDAIS, «T-SHIRTS», CALÇADO, ACESSÓRIOS, ETC.)

Rua dos Lusíadas, 5
Centro Comercial Lusíadas, loja 32
1300 LISBOA — Telef. 362 35 01

- COBREM-SE TRABALHOS DE AMADORES E IMPERFEITOS
- PERITO EM DESENHOS TRIBAIS
- ILUSTRAÇÕES DE AERÓGRAFO EM CAPACETES E DEPÓSITOS DE MOTOS